

Aula 04

Correcção

Abordagens Sistemáticas à Programação

Programação II, 2018-2019

v1.5, 01-03-2018

DETI, Universidade de Aveiro

04.1

Objectivos:

- Tipos de Dados Abstratos.
- Correcção: Programação por Contrato;

Conteúdo

1	Tipos de Dados Abstratos	1
2	Abordagens Sistemáticas à Programação	2
2.1	Testando o programa por fora	2
2.2	Testando o programa por dentro	2
2.3	Associando um significado aos programas	3
2.4	Formalizando uma Especificação	5
2.5	Programação por Contrato	5
2.6	Programação por Contrato em Java	7

04.2

1 Tipos de Dados Abstratos

Tipo de Dados Abstrato (TDA): É um *modelo* que descreve um tipo de dados apenas pelas *operações* que lhe são aplicáveis e não pela forma como é implementado... (*Definição mais completa adiante.*)

- Um TDA descreve *o que* um tipo de dados representa sem ditar *como* o faz.
- Um TDA deve ter tudo o que precisamos de saber para *utilizar* o tipo de dados.
- Assim, o utilizador do tipo pode *abstrair-se* dos detalhes de implementação.
- Como veremos a seguir, o comportamento de um tipo de dados pode ser formalizado através de pré-condições, pós-condições e invariantes.
- A *abstracção* é a melhor forma de lidar com a complexidade.

04.3

Objectos - Abstracção de Dados

- As classes são uma forma de implementar tipos de dados abstratos.
- As operações do TDA são expostas pelas declarações de *membros públicos* de uma classe e constituem a sua *interface*.

- Os *membros privados* e os *corpos* dos métodos constituem a *implementação*.
- *Classe* = *Interface* + *Implementação*;

```
public class Data {  
    public Data() { ... }  
    public Data(int dia, int mes, int ano) { ... }  
    public int dia() { ... }  
    public int mes() { ... }  
    public int ano() { ... }  
    public boolean equals(Data outra) { ... }  
    private ...  
}
```

04.4

2 Abordagens Sistemáticas à Programação

Como foi referido na aula anterior, de todos os factores de qualidade dum programa, sem dúvida alguma que o mais importante a ter em conta é o da *correção*. Um programa que não resolve o problema para o qual foi feito é de pouca utilidade.

Assim sendo, levanta-se uma questão pertinente: *como verificar se um programa está correcto*? Não vamos abordar a questão teórica formal de como *provar* que um programa está correcto, o que em geral é extremamente difícil, mas sim como testar ou verificar essa asserção.

2.1 Testando o programa por fora

Na prática, a forma como verificamos se um programa funciona¹ é *testarmos* o programa em diferentes situações. Por exemplo, se temos um programa para determinar a raiz quadrada de um número real, então se testarmos o programa com o valor 4 estamos à espera de obter como resposta o valor 2. No entanto, um programa que divide por dois teria o mesmo resultado. Por isso é conveniente testar com outros valores. Na verdade, devemos testar o programa com um número elevado de valores para tentar confirmar que ele funciona bem.

Em bom rigor, se o programa falhar algum teste, podemos dizer que está errado, mas se passar todos os testes, não podemos dizer que está correto. Assim, devemos usar um número de testes tão grande quanto necessário por forma a tentarmos que o programa *falhe* em diferentes situações. No teste de programas usa-se um método análogo ao utilizado para testar hipóteses ou leis científicas: tentamos por todas as formas *refutar* (ou falsear) a hipótese de correção. Se não conseguirmos, então será mais provável que o programa não esteja errado e aumentará a nossa confiança de que está correto.

2.2 Testando o programa por dentro

O teste de programas pelo exterior pressupõe a existência de algo, ou alguém, que verifique se de facto o resultado do programa está correcto para determinados valores de entrada. Uma forma de concretizar isso será definir um conjunto conhecido de casos de teste e testar o programa sistematicamente para essas situações. No entanto, a aplicação desta técnica requer que um *árbitro exterior* ao próprio programa determine a correção desses testes. Esse árbitro poderá ser um segundo programa que se considere estar correto e contra o qual se comparam os resultados, por exemplo.

Será que podemos criar um “árbitro” automático dentro do próprio programa que estamos a desenvolver? Se o conseguirmos fazer, então teremos “dois em um”: teremos não só um programa que se testa a si próprio, como também um programa que *sabe* quando está errado, podendo agir em conformidade, se quiser.

Vamos ver como é que tal objectivo pode (e deve) ser concretizado.

¹Seria mais rigoroso dizer: “a forma como verificamos se o programa não está errado”.

2.3 Associando um significado aos programas

- Qualquer que seja o elemento de software em apreço – classe, função, bloco, instrução condicional, instrução repetitiva, atribuição de valor, etc. – existe sempre uma razão para a sua escolha e o seu uso tem um determinado significado (uma *semântica*).
- Não é boa ideia deixar esse significado apenas implícito no código, ou descrito apenas em documentação externa.
- O *significado deve ficar explícito* no próprio código fonte. Desse modo:
 - Facilitamos a compreensão (perceber o significado) do software.
 - Melhoramos a legibilidade.
 - Potenciamos a correcção.

04.5

- Para procurar atingir esse objetivo devemos:
 - Atribuir nomes sugestivos às classes, métodos, variáveis.
 - Documentar adequadamente o código. Bons comentários devem conter significados que não sejam evidentes no próprio código.
 - Anotar o elemento de software com *asserções*. Esta é uma abordagem ainda mais poderosa e eficaz que as anteriores.

04.6

- As *asserções* são expressões booleanas executáveis, que expressam condições esperadas sempre que o programa chega a esse ponto.
- Se a asserção preceder um elemento de software, diz-se que é uma *pré-condição* desse elemento.
- Se suceder ao elemento, então diz-se que é uma *pós-condição*.
- Cada asserção incluída no código fonte pode ser vista como
 - Uma *especificação* expressa de forma axiomática, que estipula o modo correto de utilizar o código nesse ponto do programa.
 - Uma *documentação* do funcionamento do código, sem o risco de ficar incoerente com o código.
 - Um *teste*, que pode ser verificado sistematicamente sempre que o programa é executado.

04.7

Note que a presença de asserções no código fonte possibilita que o programa detete automaticamente a sua própria incorrecção (sempre que a asserção é falsa), podendo agir em conformidade. Esta característica é aproveitada para melhorar o processo de depuração, mas também pode ser explorada para produzir programas tolerantes a falhas.

Exemplo

- Este programa está correcto?

```
r = x;  
q = 0;  
while (r > y) {  
    r = r - y;  
    q = q + 1;  
}
```

- Não sabemos! Depende do que é suposto ele fazer.
- Especificação:
 - Calcula o quociente q e o resto r como resultados da divisão inteira de x por y .

04.8

Exemplo

- Este programa calcula o quociente q e o resto r como resultados da divisão inteira de x por y . Está correcto?

```
r = x;  
q = 0;  
while (r > y) {  
    r = r - y;  
    q = q + 1;  
}
```

- TALVEZ! De acordo com a especificação podemos provar que no final:

$$x = y * q + r,$$

que é a *propriedade fundamental da divisão*.

04.9

Algum tempo mais tarde



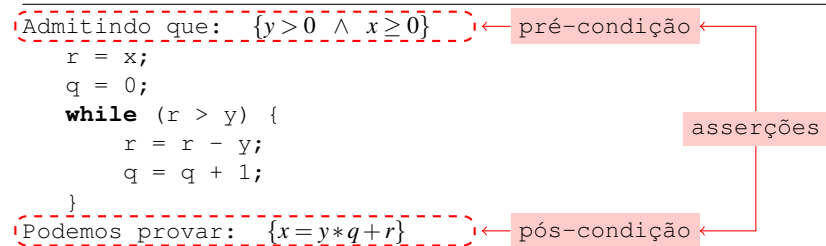
```
r = x;  
q = 0;  
while (r > y) {  
    r = r - y;  
    q = q + 1;  
}
```

- O programa não está correcto!
- Não termina quando $y = 0$!
- Obviamente que, por definição, não podemos dividir por zero.
- Valores negativos de x ou y também são problemáticos!

- Logo a especificação está incompleta.
- Devíamos ter “dito” que o programa só se aplica se $y > 0 \wedge x \geq 0$.

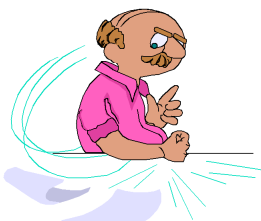
04.10

Exemplo



04.11

Algum tempo mais tarde



```
r = x;  
q = 0;  
while (r > y) {  
    r = r - y;  
    q = q + 1;  
}
```

- O programa ainda não está correcto!
- Quando $x = 6$ e $y = 3$ o resultado é:

$$q = 1 \wedge r = 3$$

- em vez de:

$$q = 2 \wedge r = 0$$

- Oops! É um erro ... vamos ver...

04.12

Exemplo

Admitindo que: $\{y > 0 \wedge x \geq 0\}$

```

r = x;
q = 0;
while (r >= y) {
  r = r - y;
  q = q + 1;
}

```

rectificação

nova pós-condição

Podemos provar: $\{x = y * q + r \wedge r < y\}$

04.13

2.4 Formalizando uma Especificação

- Considere-se qualquer bloco de instruções A . A sua formulação em *lógica de Hoare* pode ser expressa como:

$$\{P\} A \{Q\}$$

- P e Q são *asserções*:
 - P é a *pré-condição* de A ;
 - Q é a *pós-condição* de A .
- Significado:
 - Qualquer execução de A , começando num estado que satisfaça P deverá terminar num estado que satisfaça Q .
- Exemplo:

$$\{x \geq 9\} x = x + 5 \{x \geq 14\}$$

04.14

2.5 Programação por Contrato

- A *Programação por Contrato* (PpC) é uma abordagem à programação que acrescenta à programação modular a anotação sistemática dos programas com asserções.
- Segundo a PpC, cada função deve especificar as suas *pré-condições* e *pós-condições*.
- Cada tipo de dados, deve especificar as condições *invariantes*.
- A essa especificação, quando feita por asserções, dá-se o nome de *contrato do módulo*.
- Todas as asserções que definem as propriedades das operações públicas passam a ser parte integrante do tipo de dados abstrato.

04.15

Contratos de Funções

- O contrato associado à especificação de funções é definido pelas *pré-condições* e *pós-condições* da função.
- Esse contrato faz parte da interface abstrata da função e deve manter-se mesmo que a implementação da função mude.
- Exemplo (raiz quadrada):

```

public static double sqrt(double x)
{
    assert x >= 0;
    double result;
    ...
    assert Math.abs(result*result-x) <= NEAR_ZERO;
    return result;
}

```

pré-condição

pós-condição

04.16

Contratos de Objectos

- O contrato de um objecto é definido pelos contratos das suas funções públicas (ou seja, as suas **pré-condições** e **pós-condições**) conjuntamente com o **invariante** do objecto.
- As *pré-condições* e *pós-condições* descrevem propriedades à entrada e à saída de métodos.
- Os *invariantes* são condições que devem ser sempre respeitadas nos estados estáveis do objecto (ou seja quando estes são externamente utilizáveis).
- Por exemplo, a classe Data poderá ter o seguinte invariante:

```
valida(dia(),mes(),ano())
```

- Dessa forma simplificamos a concepção e a utilização do módulo Data, garantindo que os seus objectos representam **sempre** uma data válida.

A anterior definição de Tipo de Dados Abstrato está incompleta. A definição completa será:

Tipo de Dados Abstrato (TDA): É um *modelo* que descreve um tipo de dados apenas pelas *operações* que lhe são aplicáveis e pelo *contrato* dos seus objectos.

- Assim, são os contratos dos objectos que dão o significado ao respectivo Tipo de Dados Abstrato.
- Quando um contrato falha, normalmente o programa é interrompido e indica a linha onde o contrato falhou. (O erro estará sempre a montante dessa linha.)
- Para construir programas tolerantes a falhas, podemos recorrer ao mecanismo de excepções da linguagem e evitar que o programa termine, como veremos noutra aula.

04.18

Distribuição de Responsabilidades

A PpC permite uma distribuição simples e clara de responsabilidades entre o módulo e os seus clientes:

	Obrigações	Benefícios
Cliente	Garantir as pré-condições do módulo	Garantia das pós-condições e invariante
Módulo	Garantir o invariante e as pós-condições	Garantia das pré-condições

Por exemplo, se a função `sqrt` especificada atrás for invocada com um argumento negativo, falhará a pré-condição. Ficamos a saber que o programa está errado, mas também podemos atribuir a culpa inequivocamente à parte do programa onde a invocação foi feita (a parte cliente), porque era ela a responsável por garantir a pré-condição. Por outro lado, se a invocação for feita com um valor não negativo, mas o quadrado do resultado não for próximo desse valor, então novamente o programa estará errado, mas agora a culpa recai na implementação do própria função (no módulo), porque é ela que tem de garantir a pós-condição.

04.19

Escolha de Contratos

- Obviamente, a *escolha dos contratos* a associar a cada módulo (função, objecto) está nas mãos de quem o implementa.
- No entanto, como regra deve optar-se por *contratos* tão *fortes* quanto necessário para garantir implementações simples e para manter uma boa sensibilidade a falhas, mas sem restringir desnecessariamente o domínio de utilização nem complicar demasiado as condições.
- Por exemplo, no caso dos objectos do tipo *Data*, faz todo o sentido definir como invariante que as datas sejam válidas, já que torna bastante mais simples a compreensão e utilização destes objectos. Nunca será necessário lidar com datas absurdas como por exemplo 31 de Fevereiro de 2000.

04.20

2.6 Programação por Contrato em Java

Asserções em Java

- Sintaxe:

```
assert booleanExpression [: expression ];
```

- Semântica:
 - Se *booleanExpression* for *true*, a asserção passa.
 - Se for *false*, a asserção falha e é gerado um *erro*, que normalmente provoca a terminação do programa e produz um relatório com o contexto que antecedeu a falha.
 - *expression* é uma expressão opcional, geralmente uma *String*, que permite dar informação adicional sobre a falha.

04.21

Asserções em Java (2)

- Por omissão, as asserções não são avaliadas.
- Para activar: (*-enableassertions* ou *-ea*):

```
java -ea Prog
```
- Para desactivar (*-disableassertions* ou *-da*):

```
java Prog ou java -da Prog
```
- O funcionamento do programa não deve depender da avaliação das asserções. Por isso, as expressões incluídas nas asserções nunca devem produzir efeitos secundários no estado do programa.
- A instrução *assert* só apareceu no Java versão 1.4.

04.22

O *erro* gerado quando uma asserção falha é na verdade uma *excepção* do tipo *AssertionError*. Por isso, as falhas de asserções podem ser interceptadas e tratadas usando o *mecanismo de excepções* da linguagem, como veremos na próxima aula.

Asserções em Java: Exemplos

```
1 public class Assert1 {  
2     public static void main(String[] args) {  
3         assert false;  
4     }  
5 }  
Exception in thread "main" java.lang.AssertionError  
    at Assert1.main(Assert1.java:3)
```

```
1 public class Assert2 {  
2     public static void main(String[] args) {  
3         assert false: "disparate!";  
4     }  
5 }  
Exception in thread "main" java.lang.AssertionError: disparate!  
    at Assert2.main(Assert2.java:3)
```

04.23

PpC em Java

A linguagem Java não suporta adequadamente a programação por contrato. Algumas das suas principais deficiências são as seguintes:

- Não distingue os diferentes tipos de asserções.
- Não tem suporte para a definição de invariantes de classe.
- As asserções não fazem parte da interface das classes.
- As aplicações de documentação (`javadoc`) não mostram os contratos de classe automaticamente.
- Não é possível activar e desactivar contratos por tipo de contrato e por objecto.

Apesar destas limitações (e outras, relacionadas com programação orientada por objectos), em Java nativo é possível fazer-se programação por contrato utilizando a instrução `assert`.

04.24